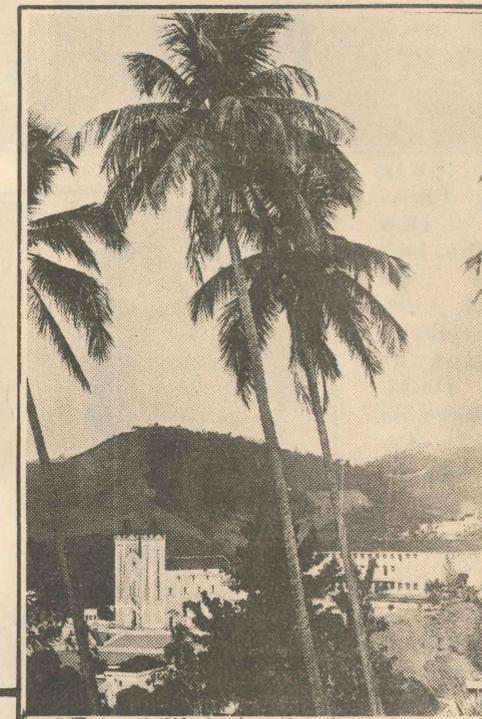




Para os garotos, vender passarinho também é fazer cultura.

O esforço para manter a cultura

Desde quando passou a ser chamada cidade cultura que Alegre vem se esforçando para manter a denominação. Os intelectuais da velha guarda insistem em conservar famoso e intacto o chamado Senado Etílico, onde se reúnem para “beber e discutir as coisas da terra”. Os estudantes, mais jovens, preferem os bares com mesas ao ar livre para ruidosas análises que vão da filosofia ao sexo, da agronomia às viagens interplanetárias. Todos, porém, têm a saudável disposição de conservar através dos anos as obras importantes ou não de seus antepassados. Bairrista, o alegre mesmo quando deixa sua terra, continua a cultivar os antigos laços de amizade e sorrir, superior, diante dos erros dos seus conterrâneos. “Ah, o prédio sem escada? Ora, quando eles querem subir colocam uma escada do lado de fora”.



A topografia dificulta o crescimento da cidade

Daniel Lopes

A nos atrás a então estudante Maria Carneiro, bairrista, não conseguia disfarçar o orgulho na voz ao enaltecer as qualidades de sua cidade. “Estamos falando para Alegre e cochichando para o resto do Estado do Espírito Santo” — dizia, usando o velho sistema de som do libanês Rachid Abdalla. Hoje, professora da Ufes, menos ufanista, ela reconhece que houve mudanças, algumas para pior, mas continua considerando Alegre a capital cultural do Estado.

Com um curso de agronomia a nível superior, mantido pela Universidade, um colégio agrícola a nível médio e outras 130 escolas municipais e estaduais, a cidade tem, atualmente, cerca de oito mil estudantes. Dois mil deles atuam ativamente em movimentos culturais de Cachoeiro do Itapemirim, Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo, muitas vezes se destacando nas letras e na música.

— Já tivemos 150 escolas no município — declarou o prefeito Antonio Lopes Júnior, do PSD.

como Paulinho, nascido em Guaçuí, a poucos quilômetros de distância, mas “alégrense de coração”, como costuma dizer.

CAPITAL CULTURAL

A primeira vez que Alegre foi considerada uma cidade cultural e não apenas uma cidade de jardim, resultado de uma afirmação categórica do ex-presidente da extinta Fundação Cultural do Estado, Renato Pacheco, houve reações. Outros municípios reclamaram, supondo que uma declaração do gênero, feita por uma autoridade ligada ao Governo, implicaria na concessão de dinheiros e favores especiais em detrimento de terceiros.

Tais dinheiros e favores não existiram, na verdade, mas a frase ficou e foi absorvida até mesmo pelos municípios que implicaram com ela logo no início. Prevaleceu, já nesta época, a tradição de Alegre e, principalmente, a sua saudável capacidade de manter e venerar as artes desenvolvidas pelos seus filhos mais velhos. Eles atuaram em todos os campos, deixaram

pequena mercearia na rua Sete de Setembro, mas hoje não apresenta nem um décimo do movimento que tinha dez anos atrás. Nos tempos em que as eleições eram diretas, por exemplo, muitos nomes famosos passaram por lá, preocupados em garantir naquele reduto de intelectuais interioranos o apoio necessário para conseguir os votos importantes dos camponeses humildes e explorados.

SEM ESCADA

As curiosidades também existem. Não só as do tipo valentia, que mostram o poderio de antigos fazendeiros, como um, já falecido, que passou por cima de uma ordem do delegado e determinou que um grupo de moças continuasse cantando no meio da rua, com sérios prejuízos para o tráfego de automóveis e carroças. “O homem mandou e pronto, todo mundo tinha que obedecer, inclusive o delegado. Não tinha conversa não, mandava quem podia e obedecia quem tinha juízo” — comenta Edson Cabral.

Até mesmo os moradores

Baptista. “Eu vou anunciar a minha saída qualquer hora dessas já, estou decidido — confirmou o vereador Waldir Monteiro — só não posso é falar em nome dos outros. As informações que tenho, porém, indicam que eles vão fazer o mesmo”.

BOCA DO INFERNO

Alegre tem até mesmo a sua central de fofocas, semelhante a Boca do Inferno ou Boca Maldita que funciona há dezenas de anos em Curitiba, capital do Paraná. Lá, à noite, os homens contam seus romances do dia, as moças mostram sorrisos atraentes e os casais conversam, brincam. Durante o dia, porém, o movimento é impressionante. Gente de todos os tipos discute negócios, acertam vendas, confirmam compras e dizem que paga e quem não paga as contas vencidas.

Por causa da central de fofocas — “muito mais importante do que o serviço de som do Rachid” — comenta, irônico, um freguês da cidade, já

Você não imagina a pressão que veio depois”.

Situação parecida aconteceu mais recentemente, quando uma empresa estabelecida em Alegre adquiriu, legalmente, em leilão, alguns caminhões que pertenceram a Polícia Militar de Minas Gerais. Comprados os veículos perderam os números de código e os desenhos das armas, mas mantiveram as cores, coincidentemente as mesmas da PM do Espírito Santo. Certo dia, um deles foi levado para Cachoeiro do Itapemirim. Quando um guarda de trânsito viu, estranhou, achando que um civil não podia dirigir viatura militar.

— O guarda cumpriu a obrigação dele, mandou parar o caminhão e pediu os documentos do veículo e do motorista. Como o motorista disse que tinha esquecido na firma, ele rebocou os dois para o Serviço de Trânsito. Lá dentro foi um absurdo. Sabendo-se respaldado por políticos, o motorista que estava com a esposa dele, negou-se a dar qualquer informação para resolver o problema. E ao passo certo que atendi ele

judica um pouco a cidade. Alegre tem uma escola de agronomia, com nível superior, clubes muito bons, com piscina, praças limpas e modernas, ruas agradáveis e uma população urbana extremamente amável, mas descuida inexplicavelmente de setores essenciais. Por exemplo, falta um hotel razoável. Todos os que existem são criticados pelos visitantes e nem assim se providencia outro, melhor.

No início de dezembro um grupo de jovens da cidade organizou a exibição da peça **Os Saltimbancos**, infantil, escrita por Chico Buarque. Os ingressos foram vendidos e a hora anunciada: começaria às oito da noite em ponto. As sete e meia o clube onde ela seria encenada estava lotado, principalmente por crianças barulhentas. As nove e meia o grupo teatral encarregado da apresentação ainda não tinha chegado e os responsáveis se recusavam a devolver o dinheiro cobrado pelos ingressos àquela altura inúteis.

Somente depois de muita

Com um curso de agronomia a nível superior, mantido pela Universidade, um colégio agrícola a nível médio e outras 130 escolas municipais e estaduais, a cidade tem, atualmente, cerca de oito mil estudantes. Dois mil deles atuam ativamente em movimentos culturais de Cachoeiro do Itapemirim, Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo, muitas vezes se destacando nas letras e na música.

— Já tivemos 150 escolas no município — declarou o prefeito Antonio Lemos Júnior, do PDS, eleito pela segunda vez — mas tenho a impressão de que as 130 que temos agora são mais do que suficientes. Não temos problema com falta de vagas, pelo contrário, e a nossa tradição cultural é reconhecida em toda parte.

Mas, na realidade, é o movimento proporcionado pelos muitos estudantes que vivem na cidade que permite a formação de um ambiente quase sempre festivo. O bar **Pico da Bandeira**, por exemplo, já espalhou sua fama até por outros centros e consegue reunir, a partir das sete horas da noite, um número tão grande de jovens que à distância considerável é possível ouvir o barulho das vozes e as risadas descontraídas.

A **Cabana**, uma mistura de churrascaria com discoteca, recebe tanta gente nas sextas-feiras, sábados e domingos, que é impossível passar de carro na rua em frente. “O pessoal aqui levou a sério o nome da cidade, todo mundo é alegre mesmo” — brinca o garçom Paulo Gonçalves Machado, mais conhecido

na concessão de dinheiros e favores especiais em detrimento de terceiros.

Tais dinheiros e favores não existiram, na verdade, mas a frase ficou e foi absorvida até mesmo pelos municípios que implicaram com ela logo no início. Prevaleceu, já nesta época, a tradição de Alegre e, principalmente, a sua saudável capacidade de manter e venerar as artes desenvolvidas pelos seus filhos mais velhos. Eles atuaram em todos os campos, deixaram trabalhos importantes e ensinaram aos descendentes a importância de guardá-los.

O crescimento de cidades próximas e a própria topografia urbana de Alegre, que dificulta o desenvolvimento normal e onera excessivamente as obras administrativas, tem provocado uma certa recessão econômica, mas em nada prejudicou a imagem cultural. A prova disso é que os cerca de 18 mil moradores da sede do município, são leitores assíduos dos jornais da capital, têm o hábito de adquirir os últimos lançamentos em discos e livros e usam as muitas praças existentes para desenvolver boas discussões filosóficas.

— Temos aqui até um Senado Etilico, uma beleza de lugar, onde toda a intelectualidade de Alegre vai e fica horas e horas discutindo sobre política, cultura, esporte, religião, tudo. Qual é a outra cidade do Espírito Santo que tem isso? — pergunta, risonho, o estudante Edson Cabral da Gama.

O tal **Senado** existe mesmo. Fica nos fundos de uma

de antigos fazendeiros, como um, já falecido, que passou por cima de uma ordem do delegado e determinou que um grupo de moças continuasse cantando no meio da rua, com sérios prejuízos para o tráfego de automóveis e carroças. “O homem mandou e pronto, todo mundo tinha que obedecer, inclusive o delegado. Não tinha conversa não, mandava quem podia e obedecia quem tinha juízo” — comenta Edson Cabral.

Até mesmo os moradores mais bairristas, evitam tocar em um assunto considerado tabu na cidade. É o prédio onde funciona o cinema local. Ele foi construído com dois andares, tem uma aparência externa bonita e é bem conservado. O problema é que o construtor esqueceu de um detalhe importante e fundamental: ele não fez a escada de acesso do térreo ao primeiro pavimento.

Quando alguém pergunta sobre isso, as pessoas desconversam, riem ou simplesmente ignoram. Depende do estado de espírito de cada um. Maria Carneiro, a estudante que falava no sistema de auto-falantes anos atrás “para Alegre” e cochichava “para o Estado do Espírito Santo”, limita-se a sorrir, mas confirma a existência do equívoco arquitetônico.

O **Bar Católico**, que funciona na principal praça da cidade, é outra anomalia. Apesar do nome, seus proprietários são protestantes. Os vereadores do PMDB, dizem, na verdade estão fechados com o Partido Popular, depois da mudança do deputado Luiz

Parana. Lá, a noite, os homens contam seus romances do dia, as moças mostram sorrisos atraentes e os casais conversam, brincam. Durante o dia, porém, o movimento é impressionante. Gente de todos os tipos discutem negócios, acertam vendas, confirmam compras e dizem que paga e quem não paga as contas vencidas.

Por causa da central de focos — “muito mais importante do que o serviço de som do Rachid” — comenta, irônico, um fazendeiro — a cidade já vestiu luto várias vezes. Foi em consequência de comentários azedos a respeito de comerciantes e criadores da região, que aconteceram a maioria dos crimes chamados bárbaros da cidade. “Toda cidade apresenta problemas, mas aqui a situação é mais complicada, o pessoal age muito politicamente e acaba atrapalhando o trabalho da polícia” — explica um cabo da Polícia Militar que só sossegou depois de conseguir sua transferência para Cachoeiro do Itapemirim.

Segundo a maioria dos policiais, por causa da grande tradição do município, existem muitos políticos de influência no lugar, todos eles dispostos a interferir diretamente na ação policial se aquilo representar, de alguma forma, um bom número de eleitores. “Outro dia tinha um rapaz, filho de autoridade de Alegre, que na falta do que fazer foi urinar na carroceria do camburão da Polícia Militar — fristou um cabo da PM — aí já é demais, ninguém aguenta uma humilhação dessas. Fomos lá e demos voz de prisão ao rapaz.

dirigir viatura militar.

— O guarda cumpriu a obrigação dele, mandou parar o caminhão e pediu os documentos do veículo e do motorista. Como o motorista disse que tinha esquecido na firma, ele rebocou os dois para o Serviço de Trânsito. Lá dentro foi um absurdo. Sabendo-se respaldado por políticos, o motorista que estava com a esposa dele, negou-se a dar qualquer informação para resolver o problema. E ao nosso sargento que atendia ele pacientemente, disse um palavrão imenso, desses de deixar todo mundo vermelho. Sabe o que aconteceu depois? Nada. A gente ficou com vontade de dar-lhe uns pescoções ali mesmo, mas depois desistimos, Alegre é uma cidade muito cheia de política e infelizmente a política suja ainda está mandando — contou o cabo.

ALGUM ATRASO

A tradição cultural é mantida até hoje na cidade, apesar de ela estar distante dos centros maiores — de Alegre e Vitória são 220 quilômetros e o trecho rodoviário Cachoeiro-Alegre é péssimo — e não dispor de instalações adequadas para apresentar peças teatrais, exposições, mostras ou grandes espetáculos. Mesmo com essas limitações, dificilmente a população passa uma semana sem ver uma novidade, de preferência peças teatrais ou conjuntos musicais.

Apenas um aparente espírito de auto-suficiência, herdado de épocas melhores, talvez, pre-

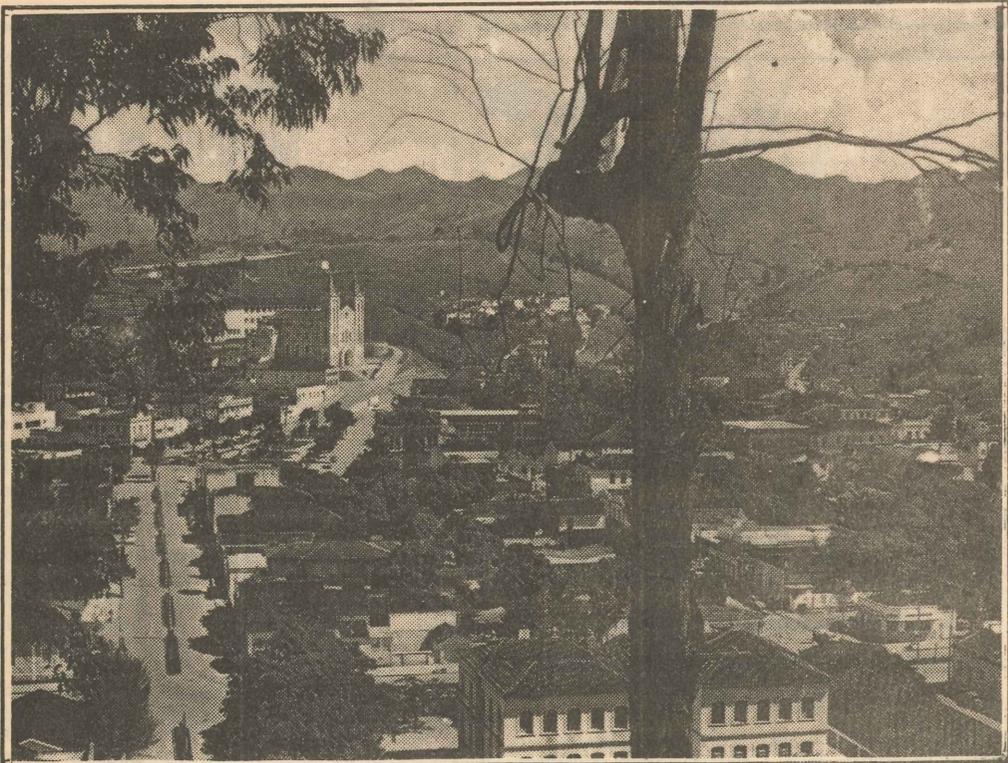
por Chico Buarque. Os ingressos foram vendidos e a hora anunciada: começaria às oito da noite em ponto. As sete e meia o clube onde ela seria encenada estava lotado, principalmente por crianças barulhentas. As nove e meia o grupo teatral encarregado da apresentação ainda não tinha chegado e os responsáveis se recusavam a devolver o dinheiro cobrado pelos ingressos àquela altura inúteis.

Somente depois de muita insistência é que alguns foram devolvidos. O grupo teatral terminou aparecendo por volta de dez horas, quando restavam apenas uns poucos garotos teimosos. A peça fez sucesso, ainda assim, mas de qualquer forma ficou a marca negativa de uma atitude antipática e displicente. “Aqui ainda vai acontecer muita coisa para poder acertar os ponteiros” — esclarece Maria da Penha Lacerda, professora — “mas aos poucos nós vamos caminhando”.

É possível que a partir de 1981 as mudanças ocorram com maior rapidez. Além de dois jornais periódicos que são editados na cidade, Alegre vai ter também uma emissora de rádio. Aí, certamente não haverá mais lugar para as 12 caixas de som de Rachid Abdalla, encarregadas de distribuir notícias, músicas e informações durante quatro horas diárias, duas à tarde e duas à noite, mas em compensação o município poderá deixar os cochichos de lado e chegar, via receptores de rádio, a outras regiões do Estado, espalhando sua cultura.



A tradição assinalada na Igreja e nos casarões.



Nas feiras bugangas se misturam com trabalhos de artesano